

Nacionalismo e Patriotismo

LARRY HUFFORD*

[Tradução: CLAUDIA SIMON]

Enquanto a administração de Bush, comandada pelo Vice-Presidente Cheney e pelo Secretário de Defesa Runsfeld, se prepara para uma guerra contra o Iraque, os cidadãos deveriam manifestar mais patriotismo. Observem que eu usei a palavra patriotismo ao invés de nacionalismo.

Durante a história de nossa nação (Estados Unidos) podemos encontrar dois pontos de vistas diferentes sobre o país. Nos Estados Unidos se pode encontrar uma tradição secular incorporada na Constituição com seu sistema de cobranças e balanços e seu compromisso com a liberdade civil. Nessa tradição secular, o racionalismo é a base do Estado. Nos “Estados Unidos” os cidadãos consideram que a chave para uma democracia deveria estar na liberdade política, isto é, nos inúmeros comportamentos não ortodoxos tolerados pela sociedade. Os cidadãos que defendem a tradição secular constitucional são os verdadeiros patriotas. O general aposentado David M. Sharp, oficial da marinha americana, diz claramente:

A coragem e a convicção de cada um e a vontade de falar a verdade para o bem do país é o que a palavra

patriotismo realmente significa – e isto está além de bandeiras, fanfarras e canções patrióticas.

O segundo ponto de vista da história dos Estados Unidos é encontrado na imagem da “América”. Na “América” os cidadãos se baseiam na má interpretação da tradição judaico-cristã para criar uma cultura civil evangélica. Este ponto de vista dá ênfase à noção do excepcionalismo americano, isto é, à ideia de que a América é uma nação redentora onde pessoas são encarregadas de uma missão divina no mundo. Enquanto os “Estados Unidos” são uma república tradicional secular, a “América” é a terra onde existe uma moral mítica. Os defensores dos Estados Unidos são patriotas, enquanto defensores da América são nacionalistas. Estes últimos seguem a filosofia “minha nação, certa ou errada”. A ênfase está em conformar-se ou limitar a liberdade política para “salvar” a democracia. Os nacionalistas acreditam que os cidadãos dos Estados Unidos são o povo escolhido por Deus. A demagogia política dos nacionalistas tenta capitalizar no emocionalismo encontrado na “América”. Esta é uma parte essencial para a construção de apoio para a guerra.



* **LARRY HUFFORD** é Diretor de Pós-Graduação de Relações Internacionais na St. Mary's University. (Graduate Director of International Relations at St. Mary's University).



O que os Estados Unidos precisam hoje são mais cidadãos patriotas. Essa voz pública não diria que a guerra nunca é justificada, mas ela exigiria que a guerra somente seja feita por causas justas e para uma paz justa. Os patriotas fariam perguntas difíceis e exigiriam respostas verdadeiras. Patriotas lembrariam que na Guerra do Vietnam o presidente Johnson enganou os cidadãos no incidente do Golfo de Tonkin e na subsequente Resolução Parlamentar; o presidente Nixon enganou os cidadãos com relação ao ataque e bombardeio de Cambodia e Laos, o presidente Regan fez o mesmo com o escândalo envolvendo o Irã e os Contras; e o Presidente Bush I enganou a opinião pública quando não expôs o fato de que a garota do Kuwait que testemunhou ante o Congresso que tinha visto soldados do Iraque entrarem em um hospital no Kuwait e matarem bebês inocentes, era de fato a filha do embaixador do Kuwait, cujo governo havia pago a uma firma de relações públicas 10 milhões de dólares para organizar uma campanha de apoio à Guerra de Golfo. Uma guerra nunca pode ser justa se a verdade é a primeira vítima do conflito.

Os patriotas hoje questionariam sobre o momento e a urgência da administração nesta campanha de guerra. Neste momento, em que um voto pode determinar qual partido controla o Senado Americano, e o ganho de seis votos implicaria a mudança no partido que controla a Câmara dos Deputados, os estrategistas republicanos entendem que enquetes demonstram que os democratas lideram em relação a assuntos domésticos, enquanto que os republicanos lideram na guerra contra o terrorismo e na campanha para remover Saddam Hussein do poder. Esta estratégia paralisou a liderança do partido democrático. Simplificando: é

mais fácil fazer uma campanha como um nacionalista do que como um patriota.

Os cidadãos patriotas exigiriam um debate sobre a mudança mais fundamental na política de relações exteriores dos Estados Unidos desde que George Kennan definiu a estratégia de contenção para deter a agressão Soviética. A administração de Bush II mudou de uma política de contenção para uma política de domínio permanente. A política americana de hoje justifica qualquer ataque contra qualquer líder, nação ou grupo que sejam definidos como ameaças. A teoria de “ou você é um de nós ou você está contra nós na guerra contra o terrorismo” fez com que os Estados Unidos ficassem amigos de líderes autoritários na Ásia Central, Oriental e do Sul, e também na África.

A América quer estabelecer uma base naval muito grande em Sri Lanka, não para a guerra contra o terrorismo mas para “conter” a Índia; a administração espera convencer o governo Filipino a deixar que a América restabeleça uma grande base naval em seu território para impedir que a marinha chinesa controle os portos do leste da Ásia; América quer ter bases no Kenya para permitir a estabilização militar das nações onde grandes campos de petróleo estão sendo descobertos; e a América já tem o controle das antigas bases soviéticas em Tajikistan, Kazakistan e Georgia, que podem ser usadas para proteger os campos de petróleo e os oleodutos, assim como conter a Rússia e a China. Os nacionalistas olham para o mundo e só veem inimigos. Os patriotas trabalham para fazer com que inimigos se tornem em adversários. Nem todas as nações-estado serão amigas, mas adversários pelo menos podem resolver conflitos mediante organizações internacionais e através da lei.



Os patriotas questionariam uma guerra contra o terrorismo que não tem um prazo para acabar. A América tem lutado uma longa guerra contra a pobreza, a guerra contra as drogas e a guerra contra o câncer. Como muitos patriotas demonstraram, a América nunca ganhou e nunca vai ganhar guerras metafóricas. Uma guerra contra al-Qaeda, bem definida em alguns pontos, seria mais pragmática que uma guerra aberta contra o terrorismo em geral.

Neste período crítico da história dos Estados Unidos a voz de cidadãos patriotas precisa ser clara e audível. Os “Estados Unidos” precisam triunfar contra a “América”. Os cidadãos precisam entender que, se é patriótico morrer pelo próprio país, é igualmente patriótico agir para impedir que seu país morra.